



GRAPHICA'13  
FLORIANÓPOLIS SC

XXI SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOMETRIA DESCRITIVA E DESENHO TÉCNICO  
X INTERNATIONAL CONFERENCE ON GRAPHICS ENGINEERING FOR ARTS AND DESIGN

## DIÁRIOS GRÁFICOS: REPRESENTAÇÕES DO COTIDIANO ATRAVÉS DA COLAGEM

Mateus Segnini Tiberti

USP, Instituto de Arquitetura e Urbanismo  
mateus.tiberti@usp.br

Paulo César Castral

USP, Instituto de Arquitetura e Urbanismo  
pcastral@sc.usp.br

### Resumo

Este artigo trata dos Diários Gráficos, buscando um panorama geral sobre a produção desse instrumento de representação. Tal visão serve de base para a análise dos Diários Gráficos do fotógrafo e artista inglês Daniel Eldon. Seus diários despertam interesse pelo modo como desenhos, fotografias e colagens são trabalhados, resultando numa grande quantidade de imagens distribuídas por 17 cadernos. Esta produção revela várias conexões com a atividade artística do século XX - desde as colagens de Braque e Picasso até a Pop Art e o trabalho com fotografia realizado por David Hockney. Utiliza-se a teoria semiótica como chave de leitura dos Diários Gráficos, procurando desconstruir as imagens dos diários a fim de tornar mais claros os métodos utilizados por Dan Eldon na estruturação de uma mensagem. Na análise das imagens, a fotografia é um fio condutor que orienta a investigação das páginas dos cadernos. Através da produção de Dan Eldon buscamos verificar como os Diários Gráficos funcionam como instrumentos de documentação, memória e construção da identidade pessoal e defendemos a validade dos mesmos como instrumentos de representação e auxílio para a construção de um discurso sobre o real. Buscamos assim contribuir para a expansão da pesquisa de Diários Gráficos.

**Palavras-chave:** diário gráfico, colagem, fotografia, representação.

### Abstract

This article discusses the Graphic Diaries, seeking a general overview on the production of this representation instrument. This vision is the basis for the analysis of the Graphic Diaries of the English photojournalist and artist Daniel Eldon. His diaries arouse interest in how drawings, photographs and

collages are worked, resulting in a large amount of images spread over 17 books. This production reveals multiple connections to the artistic activity of the twentieth century - from the collages of Braque and Picasso to Pop Art and photography work done by David Hockney. It is used semiotic theory as a key to reading the Graphic Diaries, seeking to deconstruct the images of the diaries in order to clarify the methods utilized by Dan Eldon in the structuring of a message. In images analysis, photography is a common thread that guides the investigation of the notebooks pages. Through the production of Dan Eldon we tried to verify how the Graphic Diaries work as instruments of documentation, memory and the construction of personal identity and we defend their validity as instruments of representation and assistance for the construction of a discourse about the real. We seek to contribute to the expansion of research of Graphic Diaries.

**Keywords:** graphic diary, collage, photography, representation.

## 1 Introdução

Este artigo apresenta questões desenvolvidas na pesquisa de Iniciação Científica realizada entre 2011 e 2012, pelos autores. Foram estudados os Diários Gráficos, buscando um panorama geral sobre a produção destes. Defendemos sua validade enquanto instrumento de representação e auxílio para a construção de um discurso sobre a realidade. Analisamos os Diários em sua qualidade de registro de uma época, o que nos permite interpretar como uma pessoa (ou uma sociedade) compreendia a si mesma e o mundo.

Tal visão serve de base para a análise dos Diários Gráficos do fotojornalista e artista inglês Daniel Robert Eldon, nascido em 1970. Filho de pai inglês e mãe americana, Dan (como ficou conhecido) trabalhou como fotojornalista e morreu enquanto realizava a cobertura da guerra civil na Somália no ano de 1993. Durante sua breve vida, Dan Eldon realizou uma quantidade imensa de atividades, viveu em vários lugares (na Inglaterra, Quênia e Estados Unidos) e viajou para mais de 40 países. Desde criança produziu diários gráficos (totalizando 17), onde trabalhou com fotografias e colagens, retratando seu cotidiano e suas viagens. Porém, devemos ressaltar que não existia uma divisão muito clara dessas duas realidades em sua vida. Estes cadernos constituem um objeto de análise muito rico. Ao nos confrontarmos com os diários de Dan podemos perceber que ele utiliza e reinterpreta vários procedimentos desenvolvidos por artistas plásticos e que sua produção é relevante na esfera da arte.

Procuramos desconstruir as imagens dos diários de Dan Eldon a fim de tornar mais claros os métodos utilizados por ele na estruturação de uma mensagem. Para isto, utilizamos como chave de leitura a teoria semiótica, tendo por base a teoria geral

dos signos de Charles Sanders Peirce (1839-1914) e o desenvolvimento dado por Martine Joly em seu livro “Introdução à análise da imagem” (2002). Portanto, assumimos os Diários como representações visuais e instrumentos de construção de uma mensagem sobre a realidade.

Através dessa análise da produção de diários por Dan buscamos verificar como os Diários Gráficos funcionam como instrumentos de representação, documentação, memória e construção da identidade pessoal. Os Diários Gráficos são como que repositórios e laboratórios de ideias e experiências – uma espécie de ateliê portátil. Uma das características mais notáveis dos Diários Gráficos é que eles são um registro: um suporte para a memória de seu autor (registramos aquilo que não queremos esquecer, por ter alguma importância específica) e também são registros para a posteridade, ajudando-nos a entender como uma pessoa (ou uma sociedade) compreende e vê o mundo em diferentes épocas.

Em relação à linguagem dos Diários Gráficos, devemos notar que existe uma diferença entre quando utilizamos folhas soltas para fazer desenhos e anotações, e quando utilizamos cadernos. Num caderno, a sucessão de páginas constitui uma narrativa, um discurso. Esse encadeamento revela que o caderno é um objeto que é construído no tempo. Como afirma Danny Gregory, “conforme você vira as páginas, você sente o tempo passar. Você vê os momentos serem gravados em sequência” (2008, p.1).

Com relação aos procedimentos, verificamos que basicamente todos os cadernos baseiam-se sobre o mesmo suporte: a folha de papel. São bastante comuns desenhos a lápis, a tinta, aquarelas e colagens. A fotografia é predominante na maioria das páginas dos diários de Dan Eldon. Podemos até encontrar um número razoável de desenhos em seus primeiros cadernos, mas a quantidade de fotografias e recortes de revistas e jornais (entre outras coisas) prevalece quando consideramos todos os cadernos produzidos durante sua vida.

Em si mesmas, as fotografias de Dan já constituem um interessante objeto de estudo. Ele iniciou muito jovem uma carreira como fotojornalista, acompanhando sua mãe nas reportagens para o principal jornal do Quênia, The Nation. Depois trabalhou para a Reuters, cobrindo a guerra civil na Somália nos início dos anos 90. Mas o interessante da produção de Dan Eldon é a maneira como ele reelabora suas próprias fotografias, utilizando-se sobretudo de procedimentos de colagem. Em vez de simplesmente guardar suas inúmeras fotos num álbum de fotografias, Dan utiliza-se desse material para produzir novas imagens, reforçando ou expandindo seu significado. Por esse motivo, a fotografia é uma peça chave para a análise das imagens dos diários de Dan. Além disso, é muito interessante o fato de se produzir

colagens em Diários Gráficos, já que normalmente predominam nesse meio as representações através de desenhos.

No contexto da produção artística da arte nos anos 1970 e 1980, Dan não se insere com um papel de vanguardista, antes, sua pesquisa consiste na reelaboração de procedimentos de outros artistas. Procuramos, portanto, estabelecer as relações entre a produção de Dan Eldon e a atividade artística do século XX, desde as colagens de Braque e Picasso até a Pop Art.

Assim, com essa pesquisa procuramos contribuir para a expansão da pesquisa de Diários Gráficos, tomando como objeto de análise os diários de Dan Eldon que se distinguem por utilizar a fotografia e a colagem como meios de representação.

## **2 Diários gráficos e a teoria semiótica**

Para estudar os Diários Gráficos é preciso, antes de tudo, entender o que é imagem. Uma imagem é algo que nós usamos para nos referir a uma outra coisa. Isso coloca a imagem na categoria das representações. Se ela parece é porque ela não é a própria coisa: sua função é, portanto, evocar, querer dizer outra coisa que não ela própria, utilizando o processo de semelhança. “Se a imagem é percebida como representação, isso quer dizer que a imagem é percebida como signo” (JOLY, 2002, p.39).

Charles Sanders Peirce (1839-1914) foi um pioneiro na elaboração de uma teoria geral dos signos. Para este, um signo é algo que está no lugar de alguma coisa para alguém, em alguma relação ou alguma qualidade. O signo designa algo que se percebe (cores, calor, formas, sons) e a que se dá uma significação, e um signo só é “signo” se “exprimir idéias”. Segundo a teoria de Peirce, num signo existe a relação entre três polos: o Interpretante (ou Significado), o Significante (ou Representamen, a parte perceptível do signo) e o Referente (ou Objeto). Dependendo da relação entre o Significante e o Referente, os signos podem ser classificados como ícones, índices ou símbolos. Desse modo, se essa relação for de semelhança (analogia) temos um ícone, se for de vestígio trata-se de um índice, e se for uma relação de convenção considera-se um símbolo.

Além disso, segundo Martine Joly (2002), o que se chama “imagem” é heterogêneo, pois reúne e coordena dentro de um quadro diferentes categorias de signos: Signos icônicos (analógicos), signos plásticos (cores, formas, textura), signos linguísticos (linguagem verbal).

Devemos notar que a produção de uma imagem depende de alguém. A partir desse fato, notamos que ela é uma interface mediadora entre o Homem e uma determinada realidade e através dela transmite-se uma mensagem. A análise da imagem dos Diários Gráficos tem como objetivo compreender o que essa mensagem

provoca de significações aqui e agora, colocando em discussão sua função e contexto de surgimento.

O Diário Gráfico serve a construção de um ponto de vista que se traduz num fragmento do real visível, mental, ou numa combinação de ambos. O registro feito num caderno funciona como arquivo que conserva os registros no espaço e no tempo, e substitui o referente. (CRUZ, 2011, p. 14)

Em síntese, percebemos que a imagem é uma representação, um signo semiótico. Também entendemos que o Diário Gráfico é uma representação visual, composta por várias categorias de signos: signos icônicos (analógicos), signos plásticos (cor, formas, texturas, composição) e signos linguísticos (linguagem verbal). À luz desses conceitos, devemos analisar os meios utilizados por Dan Eldon na construção de suas imagens.

### **3 Fotografia e colagem**

Tendo em vista a importância da fotografia e da colagem na produção de Dan, é necessário destacar algumas questões relacionadas a esses meios. As primeiras teorias sobre a fotografia tratam da problemática da verossimilhança, discutindo a relação entre a fotografia e a realidade. A foto é percebida como uma espécie de prova que atesta indubitavelmente a existência daquilo que mostra (trata-se a foto como ícone), como afirma Dubois (1994). Depois, entende-se que a fotografia não é um meio neutro e inocente – uma reprodução fiel do real. Sendo a fotografia um conjunto de códigos, a significação da mensagem fotográfica é determinada culturalmente e sua recepção depende de um aprendizado de códigos de leitura (foto como símbolo). O terceiro momento da discussão sobre a fotografia entende esta como um índice. Em parte, retoma-se a questão da verossimilhança, porém, o crédito dado à fotografia como prova da existência de algo deve-se não ao efeito de mimetismo, mas à relação de contiguidade momentânea que existe entre a imagem e seu referente. Com isso temos que “a foto é antes de mais nada índice antes de ser ícone” (DUBOIS, 1994, p.35).

Além dessas questões, devemos notar que toda fotografia é um recorte do mundo. Ao produzir fragmentos da realidade, a foto descontextualiza as coisas e retira a noção significado da imagem. Por causa dessa dissociação, muitas vezes recorre-se à mensagem linguística para dizer aquilo que a imagem fotográfica não pode dizer por si só.

A abstração e a visão fragmentada, próprias da fotografia, também são características do cubismo. Moholy-Nagy afirma que a técnica e o espírito da fotografia influenciaram o cubismo, direta ou indiretamente (apud SONTAG, 1981, p.89). Com o

cubismo, inicia-se a produção de colagens enquanto técnica artística. Aos poucos, os cubistas vão se libertando das controladoras leis da perspectiva e deslocando o foco para o espaço pictórico de todo quadro. O objeto de percepção torna-se a própria composição. Em 1913, Braque inventou a técnica do papel colado (papier collé).

Devemos ressaltar também a importância da fotografia para o desenvolvimento da colagem. Segundo Castro, a fotografia poupa o artista da pura representação, deixando o artista da colagem livre para trabalhar a investigação formal através de seu imaginário, de propor uma nova realidade a partir da ficção, de somar realidades distintas e modifica-las (2009). Além disso, sendo a fotografia um recorte da realidade, as imagens utilizadas na colagem são o recorte do recorte. O artista da colagem escolhe sobre o já escolhido e processado pela câmera fotográfica, conforme analisa Castro (2009).

Quanto aos materiais usados para as colagens, os cubistas, ao incorporarem elementos da realidade em suas obras, demonstram que não existe separação entre o espaço real e o espaço da arte. Devemos notar: na colagem não são utilizados elementos que 'remetem' à realidade, mas sim objetos retirados da própria realidade.

As matérias coladas são sempre refugo, coletadas cuidadosamente entre tantas outras por suas características de cor, forma e mensagem inerente com história e passado próprio, produto industrializado, restos da sociedade de consumo que se consolida vertiginosamente, e na maioria das vezes, resulta de impressão tipográfica ou fotográfica. A escolha e o uso dos materiais colados não são arbitrários. (CASTRO, 2009, p.48)

Do mesmo modo, os diários de Dan Eldon eram um espaço que abrigava o efêmero, utilizando em suas colagens os mais diversos materiais:

Ele pilhava a casa procurando por miudezas: embalagens de comida, tecidos, cordas, pedaços de ticket, revistas velhas. Quando esgotou a fonte, ele ampliou sua área de procura. Quanto mais bizarro ou raro um objeto, melhor - um jornal árabe era mais valioso que um em inglês.[...]Os diários uniram o Dan explorador, o catador de coisas e o fotógrafo. Eles eram uma extensão do explorador visual que Dan foi desde sua infância. (NEW, 2001 p.44-45)

Depois de colocarmos em evidência essas questões teóricas a respeito da representação e da imagem nos Diários Gráficos (e também tratar dos meios de expressão utilizados em sua produção) podemos passar à análise dos Diários de Dan Eldon.

#### **4 Análise dos diários gráficos**

Antes de analisar uma imagem é necessário entender que esta não é uma linguagem universal. Temos a impressão de que qualquer pessoa em qualquer época ou sociedade é capaz de “ler” uma imagem. No entanto, para poder compreender o sentido de qualquer imagem é necessário um aprendizado. “Reconhecer motivos nas mensagens visuais e interpretá-los são duas operações mentais complementares, ainda que tenhamos a impressão de que são simultâneos” (JOLY, 2002, p.43).

A metodologia que utilizamos para a análise dos Diários de Dan Eldon, à luz da teoria semiótica do signo, consiste em distinguir na imagem a mensagem plástica (cor, formas, composição, texturas), a mensagem icônica (em seus diferentes significados, denotativos ou conotativos) e a mensagem linguística (observando se a relação entre texto e imagem é de ancoragem ou revezamento). Mas antes disso, foi necessário traduzir verbalmente a imagem, fazendo uma descrição desta.

Em Dan Eldon, notamos como a colagem de recortes de impressos e de suas próprias fotografias representam um trabalho no sentido da construção de uma mensagem pela imagem constituída pelas folhas dos Diários Gráficos. A fotocolagem possui uma característica interessante também - ao recortar o já recortado pela fotografia há um refinamento da significação de cada imagem recortada, que ajuda a reorganizar e ressignificar as imagens e a construir uma mensagem.

Fernando Freitas Fuão observa que “para a collage, somente aquelas figuras que tenham sido bem separadas podem adequadamente voltar a ser unidas”. A escolha, recorte e colagem das partes é operacionalidade interdependente. Recorte do recorte, a fotomontagem escolhe sobre o já escolhido e processado pela câmera fotográfica. (apud CASTRO, 2009, p.59)



Figura 1: Páginas dos diários de Dan Eldon

Através da colagem organiza-se o acontecimento desintegrado (os recortes) para formar de novo um todo. Segundo Eisenstein, a simples combinação de dois ou três pormenores de tipo material produz uma representação perfeitamente acabada de outra espécie - psicológica (2000, p.153). Mas devemos reconhecer, como afirma Castro, que o sentido das relações entre os fragmentos não é óbvio e mesmo o significado de fragmentos específicos, ainda que contenham ícones reconhecíveis, não é facilmente decifrado (2009, p.73).

Ao analisar os diários de Dan, agrupamos as páginas observando a semelhança de procedimentos. No grupo das colagens, a fotografia continua tendo um papel importante, mas é trabalhada de uma maneira distinta: as fotografias são fragmentos que se unem a outros fragmentos para formar um todo, como mostra a figura 1.

Um aspecto importante do procedimento de Dan é a forma como os recortes são feitos. As colagens são compostas por diversos fragmentos autônomos que, ao se unirem, formam uma imagem com um sentido único. Notamos que existem duas formas de utilizar os fragmentos – ou por suas qualidades figurativas ou por suas qualidades materiais (quando o fragmento é usado como forma ou textura). Desse modo, os cortes realizados costumam preservar ou seguir a forma do objeto fotografado, excluindo aquilo que se caracteriza como fundo, e podem ser mais ou menos regulares, podendo-se rasgar as fotos ou cortá-las com uma tesoura ou estilete. No procedimento de colagem, de certo modo a fotografia toma o papel do desenho quanto à pura representação da realidade. Talvez por esse motivo não existam muitos desenhos nos Diários de Dan.

Dan Eldon utiliza várias vezes uma técnica muito parecida com o trabalho Cameraworks, do artista britânico David Hockney. Este realiza várias fotomontagens utilizando câmeras polaróide - o procedimento consiste em montar uma imagem a partir de várias fotografias com partes de uma mesma cena ou objeto. Esse processo é semelhante ao de desenho ou pintura, quando o olhar se detém sobre os detalhes do objeto a ser desenhado. Assim, cada fotografia se concentra numa parte específica do objeto e a soma dessas partes produz uma imagem do objeto total. O procedimento que Dan Eldon realiza chega próximo do resultado final de Hockney, mas é distinto deste. Dan utiliza várias fotografias, com diversos ângulos de um mesmo objeto. Ele recorta essas fotografias, as mistura e depois reorganiza os fragmentos. Esta técnica envolve uma questão temporal, pois cada fotografia é um instante e com esse procedimento a imagem de um objeto é composta por imagens de diversos momentos, como podemos ver na figura 2.



Figura 2: modos de utilizar os recortes de imagens em Dan Eldon e Hockney



Também notamos diversas formas de se unirem os fragmentos: quando estes apresentam dimensões semelhantes entre si e são menores que as das páginas, a imagem lembra um mosaico mais ou menos homogêneo, mas também há colagens em que os fragmentos possuem formas e tamanhos bem distintos entre si.

Além de fotografias, Dan utiliza muitos recortes de materiais impressos e os mais diversos objetos: desde moedas e cartões de crédito até peles de cobra e sementes. Geralmente são objetos pequenos, de modo que podem ser colados nas páginas dos cadernos. Esses elementos nos dão indícios do cotidiano e da vivência de Dan Eldon. Ele incorporava fragmentos de cada lugar onde viveu e por onde viajou, de modo que podemos ver as diferenças entre as colagens realizadas enquanto morou em Nova York, onde predominam materiais de publicidade e recortes de revistas – e as colagens realizadas na África, que misturam sementes, peles de cobra e selos, por exemplo.



Figura 3: camadas de fragmentos nas colagens de Dan Eldon

As colagens de Dan costumam apresentar várias camadas de fragmentos que se sobrepõem umas às outras. Tais camadas testemunham o tempo despendido em cada imagem - tempo ao mesmo de reflexão e experimentação, como se fosse um processo de sedimentação de significados. Essa sobreposição mostra um pouco da personalidade de Dan Eldon e das características de seus cadernos, já que estes não são cronologicamente lineares. Às vezes Dan trabalhava em mais de um caderno ao mesmo tempo, sem a preocupação de terminar um diário para começar outro. Do

mesmo modo, as imagens podiam ser terminadas aos poucos - isso mostra uma liberdade de pesquisa, sem a pressão de se chegar a um resultado. Algumas páginas exploram essa questão das camadas, apresentando uma fotografia de determinada página em estágios diversos da colagem (de maneira metalinguística), permitindo ao observador entender parte do processo de montagem da imagem, como na figura 2.

As colagens de Dan Eldon constroem narrativas a partir de suas vivências pessoais. O que é muito rico em seu procedimento é o fato de utilizar não somente fragmentos de materiais impressos, mas suas próprias fotografias. Em vez de simplesmente apresentar os fatos (os eventos, as viagens, seu cotidiano) de maneira objetiva, como num álbum de fotografias, Dan reelabora os acontecimentos, o que resulta em imagens de grande qualidade gráfica. Além dos eventos “reais”, Dan costumava inventar pequenas narrativas com utilizando imagens apoiadas por pequenos textos, como numa história em quadrinho. Podemos encontrar várias histórias fantasiosas montadas a partir de fotografias de seu cotidiano.

Esse processo de reelaboração e sedimentação de camadas de significado que encontramos nas colagens de Dan Eldon revelam um olhar atento sobre a realidade cotidiana, onde pode-se encontrar outros sentidos naquilo que à primeira vista é banal.

## **5 Conclusão**

Por meio desta pesquisa vemos como os Diários Gráficos se caracterizam como instrumentos de representação, que constroem um discurso sobre a realidade. Uma das características mais notáveis dos Diários Gráficos é que eles são um registro: um suporte para a memória de seu autor e também são registros para a posteridade, ajudando-nos a entender como uma pessoa compreende e vê o mundo em diferentes épocas – tudo isso através de imagens.

Como a imagem é uma interface mediadora entre o Homem e uma determinada realidade, pois através dela transmite-se uma mensagem, a análise da imagem dos Diários Gráficos tem como objetivo compreender o que essa mensagem provoca de significações aqui e agora, colocando em discussão sua função e contexto de surgimento.

Com relação aos Diários Gráficos, notamos que a representação por meio de desenhos, fotografias e colagens está relacionada à construção de um olhar sobre o mundo. O que se registra nos Diários é resultado de uma busca, de uma intencionalidade no olhar. Principalmente notamos esse fato nos Diários de Dan Eldon.

Podemos pensar os diários gráficos como lugar privilegiado para desenvolver essa pesquisa livre, cheios de coisas efêmeras e ideias que não devem ser esquecidas.

Instrumentos para ajudar a pensar, a desenvolver uma ideia, um suporte para a memória e a inteligência.

A fotografia é utilizada unida à colagem: ao fragmentar o mundo e distorcer as relações entre imagem e real, abre-se o caminho para que os fragmentos sejam reorganizados e constituam uma nova totalidade com algum sentido. Através das colagens é possível construir uma narrativa e dar um novo sentido à realidade, num processo de ressignificação.

Podemos ler os Diários de Dan como um objeto sem uma finalidade em si mesmo. Ao que tudo indica, não era sua intenção publicá-los – isto só ocorreu depois de sua morte, por vontade de sua mãe. De um modo geral, os Diários Gráficos constituem um mundo privado. A priori, estes não são feitos para ficarem expostos em museus ou galerias. Sua recepção é originalmente individual, diferente de como a arte é recebida nos nossos dias, através de meios de comunicação em massa. Dan utilizava seus cadernos como instrumento para a reflexão sobre o mundo em que vivia e sobre sua própria vida.

Foi possível analisar e identificar os procedimentos recorrentes e estabelecer padrões de construção da mensagem visual no trabalho de Dan Eldon. Longe de esgotar o assunto, esta pesquisa dá um passo em direção à análise da produção de um tipo específico de Diário Gráfico, que utiliza outros meios de representação além do desenho. Demonstra também a validade da utilização dos Diários Gráficos como instrumentos de representação do real e de construção de um discurso que dá sentido a este. No caso de Dan Eldon, destaca-se o papel dos diários na construção de sua identidade pessoal. Neles, Dan coloca suas dúvidas, anseios, decepções, lutas internas, alegrias e trabalha tudo isso através de imagens.

Os cadernos de Dan Eldon mostram como há uma conexão profunda entre o registro nos Diários Gráficos e o desenvolvimento de um olhar crítico sobre a realidade. Esta atitude mental, de ser receptivo e não ter ideias pré-concebidas dos lugares que visita, de “olhar como se nunca tivesse visto” e repensar a realidade, tão fundamental para o viajante, pode ser trazida para a vida cotidiana. Tal atitude ajuda-nos a enxergar além do véu do hábito e do cotidiano que nos envolve.

## **Agradecimentos**

Agradecemos aqui ao Núcleo de apoio à pesquisa em estudos de linguagem em arquitetura e cidade (N.elac) pelo suporte ao desenvolvimento deste trabalho, ao Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (IAU-USP), à Pró-reitoria de Pesquisa da USP e ao Santander pelo apoio financeiro para a realização da Iniciação Científica que serviu de base para este artigo.

## Referências

CASTRO, Cleusa de. **Collage**: justaposição e fragmentação em arquitetura. 2009. Tese (Doutorado em Projeto de Arquitetura) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16138/tde-24032010-095120/>>. Acesso em: 2012-09-21.

CRUZ, Tiago. **Do registo privado à esfera pública**: o diário gráfico enquanto meio de expressão e comunicação visual. Maia: ISMAI, 2012. 98 p. Tese (Mestrado) - Mestrado em Comunicação na Era Digital: Estratégias, Indústrias e Mensagens, Instituto Superior da Maia, Maia, 2012.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Campinas: Papirus, 1994. 362 p.

EISENSTEIN, Sierguéi. O princípio cinematográfico e o ideograma. In: CAMPOS, Haroldo de (Org.). **Ideograma**: lógica poesia linguagem. São Paulo: Edusp, 2000. p.149-166.

ELDON, Daniel R., ELDON, Kathy M. **The journey is the destination**: the journals of Dan Eldon. San Francisco: Chronicle Books, 2011. 212 p.

GREGORY, Danny. **An illustrated life**: drawing inspiration from the private sketchbooks of artist, illustrators and designers. Ohio: HOW Books, 2008. 266 p.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Campinas: Papirus, 2007. 155p.

NEW, Jennifer. **Dan Eldon**: Safari as a way of life. San Francisco: Chronicle Books, 2011. 186 p.

NEW \_\_\_\_\_ . **Dan Eldon**: The Art of Life. San Francisco: Chronicle Books, 2001. 290 p.

SONTAG, Susan. **Ensaio sobre fotografia**. Rio de Janeiro: Arbor, 1981. 200 p.